ISSN 2594-9063

https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.15383

Habitar a infoesfera: produção de sentidos e escuta alteritária no ensino de língua inglesa

Inhabiting the infosphere: meaning production and alteritarian listening in english language teaching

Marisa Cleff[1]
Universidade Federal do Rio Grande

Karina Giacomelli[2]
Universidade Federal de Pelotas

Adail Sobral[3]
Universidade Federal do Rio Grande

Como citar este trabalho:
CLEFF, M.; GIACOMELLI, K.; SOBRAL, A. Habitar a infoesfera: produção de sentidos e escuta alteritária no ensino de língua inglesa. **Traços de Linguagem**, v. 10, n. 1, p. 163-172, 2026.

RESUMO: Este artigo teórico-metodológico articula a perspectiva *OnLife* (Floridi, 2015), a Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002, 2018) e a Educação Dialógica Alteritária (Sobral; Giacomelli, 2020) para investigar a produção de sentidos no ensino de inglês em ecologias digitais. Em resposta à BNCC, argumenta-se que tais ecologias são espaços de enunciação atravessados por uma política de sentido algorítmica. Sustenta-se que, ao percorrer Rotas e Redes *OnLife* (CLEFF, 2026), os estudantes ressignificam a língua e constituem-se em posições de dizer. Conclui-se que a escuta alteritária é a postura pedagógica essencial para mediar essa autoria discente.
PALAVRAS-CHAVE: Produção de sentidos; Rotas e Redes *OnLife*; Ecologias digitais; Semântica do Acontecimento; Escuta alteritária.

ABSTRACT: This theoretical-methodological article articulates the OnLife perspective (Floridi, 2015), the Semantics of the Event (Guimarães, 2002, 2018) and Alteritarian Dialogic Education (Sobral; Giacomelli, 2020) to investigate meaning production in English teaching within digital ecologies. In response to the BNCC, it argues that such ecologies are spaces of enunciation traversed by an algorithmic politics of meaning. It maintains that, in traversing the OnLife Routes and Networks (CLEFF, 2026), students resignify the language and occupy positions of enunciation. It concludes that alteritarian listening is the pedagogical stance essential to mediating this student authorship.
KEYWORDS: Meaning production; OnLife Routes and Networks; Digital ecologies; Semantics of the Event; Alteritarian listening.

[1] Doutoranda – Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – marisacleff@gmail.com
[2] Doutora – Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – karina.giacomelli@gmail.com
[3] Doutor – Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – adail.sobral@gmail.com

Introdução

As práticas de linguagem contemporâneas realizam-se sob uma condição que Floridi (2015) designa como *OnLife*: a dissolução das fronteiras entre o que se convencionou chamar de *online* e *offline*, que dá lugar a um *continuum* de experiências em que os sujeitos transitam, de modo integrado, entre espaços físicos e digitais. Nesse cenário, habitar a linguagem é também habitar a infoesfera, um ecossistema em que sentidos circulam, são disputados e produzidos por sujeitos que ocupam, simultaneamente, múltiplos espaços de enunciação.

Compreendidas a partir dessa condição, as ecologias digitais não se reduzem a suportes ou ferramentas pedagógicas: constituem-se como espaços políticos de enunciação, nos quais língua, falante e sentido se entrelaçam de maneira historicamente situada. A essa constituição política soma-se, no presente, uma camada algorítmica: plataformas e sistemas inteligentes regulam o que circula, o que se torna visível e o que se autoriza como legítimo, instaurando o que se pode nomear uma política de sentido algorítmica. No ensino de língua inglesa, tal mediação não é trivial: é ela que faz circular como padrão certas formas do inglês e relega à margem outras tantas, incidindo diretamente sobre os modos como os estudantes produzem sentidos.

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a linguagem em uso, o texto e os gêneros discursivos como eixos do ensino, e afirma o protagonismo do estudante na produção de sentidos. Sendo um documento curricular, contudo, a BNCC define o "quê" ensinar e não o "como", e tampouco se ocupa das condições enunciativas e políticas próprias das ecologias digitais em que esse ensino hoje se realiza, ainda que preconize uma articulação entre o formal e o discursivo. Permanece, assim, a necessidade de pensar a produção de sentidos em língua inglesa não apenas em sua dimensão funcional e técnica, mas especialmente em sua dimensão enunciativa e política.

É dessa necessidade que este trabalho se ocupa. Recorte teórico-metodológico de uma pesquisa de doutorado em andamento, o artigo tem por objetivo articular a perspectiva *OnLife* (FLORIDI, 2015) à Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2018), do ponto de vista da Educação Dialógica Alteritária (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020) a fim de refletir sobre os modos como estudantes produzem sentidos em língua inglesa ao percorrer Rotas e Redes *OnLife* (CLEFF, 2026) em ecologias digitais. Da Semântica do Acontecimento mobilizam-se as noções de espaço de enunciação, cena enunciativa e o político, que permitem compreender o digital como espaço constituído politicamente; da condição *OnLife*, retém-se a chave para descrever o ecossistema em que tais enunciados emergem. Como foi dito, a essa articulação soma-se, como postura pedagógica, a perspectiva da Educação Dialógica Alteritária (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020), coerente com a compreensão do estudante como sujeito produtor de sentidos. A análise de um *corpus* de produções discursivas reais de estudantes constitui etapa subsequente da pesquisa, aqui anunciada como desdobramento; neste artigo, privilegia-se a construção do quadro teórico-conceitual que a sustenta, ilustrada por enunciados construídos para fins de exposição.

Para tanto, o artigo parte da BNCC e da concepção de linguagem que ela acolhe; descreve, em seguida, a condição *OnLife* e suas implicações para o espaço-tempo da enunciação; mobiliza o aparato da Semântica do Acontecimento e a noção de política de sentido algorítmica; discute a produção de sentidos como redivisão do dizer e a postura pedagógica alteritária que dela decorre; e, por fim, examina o desenho de uma jornada pedagógica no *Padlet* à luz dessa articulação.

A BNCC e o ensino de língua inglesa: o quê sem o como

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) constitui o ponto de partida institucional para pensar o ensino de língua inglesa no Brasil. Documento curricular de caráter normativo, a BNCC define aquilo que deve ser ensinado sem prescrever o modo de fazê-lo: estabelece, vale repetir, o "quê" e deixa o "como" a cargo dos educadores. Não se trata de lacuna, mas de sua natureza de documento curricular. Sendo base comum a todo o país, a BNCC é necessariamente ampla e não poderia adotar uma teoria específica sem deixar de ser o que é. Mas reflete, isso sim, uma concepção de linguagem, sem a ela reduzir-se ou restringir as atividades docentes; ela convida o docente a buscar, nas diversas áreas de estudo da linguagem, as estratégias que melhor sirvam ao seu contexto.

Essa concepção representa um avanço. A BNCC toma como unidade o enunciado, o discurso, que se manifesta em gêneros, e como objeto o texto, e não a língua em si: o foco recai sobre a linguagem em uso, sem que com isso se desprezem a língua e o texto em sua materialidade. O formal e o discursivo coexistem. Afora isso, a BNCC preconiza o protagonismo do estudante na produção de sentidos, o que desloca o ensino da transmissão de conteúdos para a participação ativa do sujeito discente em interação com os colegas e os docentes.

No componente Língua Inglesa, a BNCC adota a perspectiva do inglês como língua franca, abandonando explicitamente o falante nativo como modelo ideal e a noção de correção a ele atrelada. O inglês é tomado em seu estatuto plural e desterritorializado, língua de circulação global cujos usos não pertencem a nenhum centro que os autorize. A legitimidade do dizer em inglês deixa, ao menos no documento, de coincidir com a norma nativa.

É nesse ponto que se anuncia a tensão que este artigo persegue. Se a BNCC, no plano curricular, descentraliza o inglês e recusa o falante nativo como medida, as condições concretas em que esse ensino hoje se realiza, as ecologias digitais atravessadas por sistemas algorítmicos, tendem a recentralizá-lo. O documento diz o "quê", e o faz com avanço; mas não se ocupa, porque não é seu objeto, das condições enunciativas e políticas em que esse "quê" se efetiva. Propõe, assim, que se pense e articule o "como" e, antes dele, o "onde": o espaço-tempo em que estudantes produzem sentidos em língua inglesa.

A condição onlife e o espaço-tempo da enunciação

A vida contemporânea realiza-se sob uma condição que Floridi (2015) nomeia *OnLife*. Com as tecnologias de informação e comunicação, a distinção entre o que se convencionou chamar de *online* e *offline* deixa de ser operatória: não há mais um mundo "real" ao qual o digital se acrescentaria como suplemento, mas um único *continuum* de experiência, a infosfera, no qual os sujeitos habitam, agem e significam. Para Floridi, não se trata apenas de uma mudança de hábitos, mas de uma reontologização: as tecnologias não reorganizam um mundo previamente dado, elas reconfiguram aquilo que conta como mundo e como sujeito. Habitar a linguagem, hoje, é habitar esse ecossistema.

Tal deslocamento tem uma consequência que interessa diretamente a este trabalho. Se as fronteiras entre físico e digital se dissolvem, dissolve-se também a ideia de que o espaço e o tempo das práticas de linguagem seriam coordenadas empíricas, dadas de antemão, o lugar físico onde se está, o relógio que marca o instante em que se fala. Na condição *OnLife*, o espaço-tempo da enunciação não é um cenário prévio: é constituído na própria prática. É precisamente esse ponto que torna a perspectiva de Floridi articulável a uma semântica da enunciação, e não meramente justaposta a ela.

Com efeito, a Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2018) recusa, desde o seu princípio, o espaço-tempo empírico como fundamento do sentido. Para Guimarães, o sentido não está no sistema da língua nem na intenção de um indivíduo: constitui-se no acontecimento de enunciação. E o acontecimento não é um fato datado no tempo cronológico, é ele que temporaliza. Ao enunciar, o acontecimento institui um presente que lhe é próprio, convoca um passado (o memorável) e projeta uma latência de futuro. Do mesmo modo, o espaço em que se enuncia não é geográfico, mas político: o espaço de enunciação é o espaço de funcionamento das línguas, que distribui desigualmente, entre os falantes, o direito de dizer. O falante, aí, não é o indivíduo empírico, mas uma figura constituída por essa distribuição.

É na recusa comum do espaço-tempo empírico que as duas perspectivas se encontram. O que Floridi descreve como dissolução das fronteiras entre *online* e *offline*, a Semântica do Acontecimento permite ler como reconfiguração do próprio espaço-tempo da enunciação. Daí decorre a tese que orienta este artigo: as ecologias digitais *OnLife* não são suporte nem ferramenta pedagógica, mas espaços de enunciação, politicamente constituídos, atravessados pela historicidade, nos quais língua, sujeito e sentido se entrelaçam. A rota percorrida digitalmente é, ao mesmo tempo, rota de produção de sentido; os falantes **constituem-se enunciativamente no próprio acontecimento do dizer.**

No ensino de língua inglesa, isso significa que a língua deixa de ser apenas objeto a ser ensinado para tornar-se materialidade enunciativa por meio da qual o estudante toma posição de sujeito. Resta, então, descrever como o sentido se produz nesse espaço, o que exige mobilizar o aparato da Semântica do Acontecimento em seus conceitos operatórios e a camada que, no ecossistema *OnLife*, neles incide: a mediação algorítmica.

A lente enunciativa: espaço e cena

Descrever a produção de sentidos nas ecologias digitais como acontecimento exige um aparato que dê conta de como o dizer se organiza nesses espaços. A Semântica do Acontecimento o oferece em dois conceitos articulados: o espaço de enunciação e a cena enunciativa.

O espaço de enunciação, como se adiantou, é o espaço político de funcionamento das línguas. Como o define Guimarães:

> [...] as línguas do espaço de enunciação são distribuídas de modo desigual. O espaço de enunciação é, então, um espaço político do funcionamento das línguas. O agenciamento dos falantes, enquanto tal, pelas línguas, é político, pois é necessariamente desigual. (GUIMARÃES, 2018, p. 23-24)

Tomado o ensino de língua inglesa nas ecologias digitais, esse espaço não é neutro nem homogêneo: nele, o inglês dito padrão ou nativo é distribuído como a forma legítima, ao passo que o inglês do aprendiz, as variedades não hegemônicas e os movimentos de translinguagem são relegados a posições subalternas. O estudante que enuncia em inglês na rede é, assim, constituído como falante por essa distribuição, não como o indivíduo empírico que digita, mas como figura política a quem o espaço atribui (ou recusa) legitimidade.

Se o espaço de enunciação distribui o dizer em larga escala, é na cena enunciativa que essa distribuição se especifica. A cena constitui modos específicos de acesso à palavra, configurando, nas relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas, os lugares a partir dos quais se diz (GUIMARÃES, 2002). Três figuras a compõem: o Locutor (L), que se representa no próprio dizer como fonte do que é dito; o

Locutor-x (alocutor, al-x, na obra de 2018), o Locutor enquanto predicado por um lugar social determinado, locutor-aluno, locutor-falante-de-inglês, locutor-usuário-da-plataforma; e o enunciador, lugar de dizer tomado como perspectiva, que se realiza como individual, genérico, universal ou coletivo.

Nas ecologias digitais, cada produção, uma legenda de *story*, um comentário, uma resposta em *chat*, institui uma cena enunciativa própria, e a própria plataforma participa de sua configuração. As possibilidades de ação oferecidas pelo gênero digital distribuem os lugares de dizer e a temporalidade do enunciado: o caráter efêmero do *story* ou a permanência do *post* não são molduras externas, mas constituem a cena e o modo como nela se enuncia. Analisar o dizer do estudante, nesse quadro, é menos verificar a correção de sua língua e mais reconstituir a cena: de que lugar ele fala, sob que perspectiva de enunciador, em que temporalidade. É o que desloca o digital da condição de suporte à de espaço de enunciação.

Essas cenas, contudo, não são pacíficas. Os lugares de dizer que elas distribuem estão atravessados por uma disputa, e, no ecossistema *OnLife*, essa disputa ganha uma camada inédita, que é preciso nomear.

A política de sentido algorítmica

O dizer, na Semântica do Acontecimento, é constitutivamente político. O político não é um acréscimo ideológico ao sentido, mas a contradição que o funda: há uma divisão normativa e desigual do real, que estabelece quem pode dizer e o que conta como dizer legítimo, e há a redivisão, pela qual aqueles não contemplados nessa partilha afirmam seu pertencimento ao dizer (GUIMARÃES, 2002). Toda produção de sentido se dá nessa tensão entre a norma que divide e a afirmação que redivide.

No ecossistema *OnLife*, a essa divisão política do dizer soma-se uma camada que lhe é específica: a mediação algorítmica. Plataformas e sistemas inteligentes não transportam neutralmente os enunciados, eles regulam o que circula, hierarquizam o que se torna visível e produzem efeitos de legitimidade, instaurando o que se pode designar uma política de sentido algorítmica. O algoritmo passa, assim, a participar da própria divisão do dizer: ele não apenas distribui visibilidade, mas incide sobre o que se autoriza como forma legítima de enunciar. À divisão normativa, histórica e humana do espaço de enunciação, sobrepõe-se uma divisão maquínica, que opera em escala e velocidade próprias e cuja lógica permanece, em larga medida, opaca aos sujeitos que a ela se submetem (NOBLE, 2018).

No ensino de língua inglesa, os efeitos dessa camada são tangíveis. Convém torná-los concretos. Os sistemas de escrita preditiva e os corretores ortográficos e gramaticais, incorporados a teclados e editores, sinalizam como erro e reescrevem automaticamente as formas que se afastam do inglês padrão, naturalizando uma variedade entre muitas como a forma correta. As ferramentas de correção baseadas em inteligência artificial operam no mesmo sentido, ajustando o texto do estudante a um padrão hegemônico em nome da fluência. No reconhecimento automático de fala, o desempenho é reconhecidamente desigual: sistemas treinados majoritariamente sobre fala de nativos compreendem com menor acurácia os falantes de inglês com sotaque não nativo, entre eles os brasileiros (KOENECKE et al., 2020), de modo que a própria voz do estudante pode lhe ser devolvida como ruído. A tradução automática e os modelos de linguagem convergem para as variedades dominantes, e os sistemas de recomendação e de moderação distribuem visibilidade de forma desigual entre os modos de dizer. Em todos esses casos, o algoritmo não medeia neutramente: ele decide, em escala e a cada instante, qual inglês conta como legítimo.

Vê-se, então, como a política de sentido algorítmica recentraliza o falante nativo que a BNCC, no plano curricular, havia descentralizado. O que o documento afirma como pluralidade desterritorializada, a infraestrutura técnica reinscreve como norma única, e o faz silenciosamente, na forma de sugestões, correções e classificações que se apresentam como auxílio, não como imposição. O estudante que enuncia em inglês na rede o faz, portanto, sob uma dupla determinação, a do espaço de enunciação e a do algoritmo que o medeia.

É aqui que se afirma a tese deste trabalho. Submetidos a essa dupla determinação, os estudantes, ao percorrer Rotas e Redes *OnLife* nas ecologias digitais, não apenas reproduzem os sentidos que nelas circulam: eles os ressignificam a partir de suas posições enunciativas. Esse ressignificar é, em termos enunciativos, redivisão, a afirmação de pertencimento ao dizer em inglês por parte de quem a divisão normativa, agora também algorítmica, posicionaria à margem.

A produção de sentidos como redivisão do dizer

Se o estudante enuncia sob a dupla determinação do espaço de enunciação e do algoritmo, a pergunta decisiva passa a ser o que ele faz com os sentidos que recebe. A resposta, em chave enunciativa, é que ele não os recebe passivamente: ao dizer, o falante se constitui no e pelo próprio dizer. Cada enunciado é um acontecimento que reorganiza, a partir de uma posição, os sentidos disponíveis. Não há reprodução simples, porque não há lugar neutro de onde apenas se repita: há sempre uma posição, e toda posição desloca.

É a esse fenômeno que a noção de Rotas e Redes *OnLife* procura dar nome, noção proposta neste artigo e desenvolvida na pesquisa de doutorado da primeira autora (CLEFF, 2026). A rota é o percurso do estudante pelas ecologias digitais; mas é, ao mesmo tempo, rota de produção de sentido, porque cada passagem por um espaço de enunciação é uma tomada de posição no dizer. A rede, por sua vez, é o próprio espaço de enunciação em sua configuração digital e algorítmica, o tecido de línguas, plataformas e sentidos em disputa por onde essas rotas se traçam. Percorrer Rotas e Redes *OnLife* é, então, produzir sentidos: o estudante posicionado à margem pela norma, agora também algorítmica, afirma seu pertencimento ao dizer em inglês, e essa afirmação é, em termos enunciativos, redivisão.

Disso decorre o deslocamento central para o ensino. A língua inglesa deixa de ser objeto a ser dominado segundo um padrão e torna-se materialidade enunciativa por meio da qual o sujeito toma posição no mundo. Investigar a produção de sentidos no ensino de língua inglesa contemporâneo exige, por isso, ultrapassar o funcional e o técnico e alcançar a dimensão enunciativa e política da linguagem, uma dimensão que, na condição *OnLife*, é também, e incontornavelmente, algorítmica.

A postura pedagógica: escuta alteritária e ativismo autoral

Reconhecer o estudante como produtor de sentidos tem uma consequência pedagógica imediata: torna insustentável o modelo transmissivo, que o concebe como depositário passivo de conteúdos e de regras. Se o aluno se constitui como sujeito no dizer, o ensino precisa fazer-lhe lugar como tal. É nesse ponto que a perspectiva enunciativa, que descreve como o sentido se produz, encontra a educação dialógica alteritária, que responde a essa descrição com uma postura, a da escuta alteritária (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020), de inspiração bakhtiniana e freireana.

Convém precisar os planos, para que a articulação não se confunda com sobreposição. A Semântica do Acontecimento opera no plano analítico-descritivo: ela

explica de que modo os sentidos se produzem no acontecimento e, rigorosamente, nela não se fala em sujeito, mas em falante e em lugares de enunciação. A noção de estudante como sujeito e autor, mobilizada neste artigo, provém da articulação com a perspectiva dialógica, de inspiração bakhtiniana, e não da Semântica do Acontecimento. A educação dialógica alteritária opera no plano ético-pedagógico: ela indica que atitude o professor deve assumir diante de sujeitos que produzem sentidos. Os dois planos não competem, complementam-se. A escuta alteritária é o esforço de reconhecer o estudante como um outro legítimo, validando sua história e seus saberes prévios; o ativismo autoral é o convite a que ele se posicione criticamente diante dos discursos que circulam, atitude tanto mais necessária num ecossistema em que a circulação é mediada por algoritmos cuja lógica lhe escapa. De acordo com Cleff:

> [...] Tal postura exige igualmente que o professor examine suas próprias crenças pedagógicas, uma vez que elas orientam, muitas vezes de forma implícita, suas escolhas didáticas e sua relação com as ecologias digitais. Estudos anteriores da primeira autora mostram que tais crenças podem tanto impulsionar quanto limitar práticas pedagógicas mais autorais (CLEFF, 2024).

Essa perspectiva não é um método entre outros, mas uma coerência ética: só se ensina por se ser quem se é (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020). O perfil profissional do professor, sua visão de linguagem e de sociedade, e seu perfil didático são indissociáveis; quem reconhece o aluno como produtor de sentidos não pode avaliá-lo como mero reprodutor de formas. Aqui se reencontra a BNCC: se o documento curricular afirma o protagonismo do estudante e a linguagem em uso, mas não diz "como" realizá-los, a escuta alteritária oferece um "como" coerente com aquele "quê", e fá-lo preservando a agência pedagógica humana num cenário de crescente mediação algorítmica.

Ama jornada no *Padlet*: o desenho como escuta alteritária

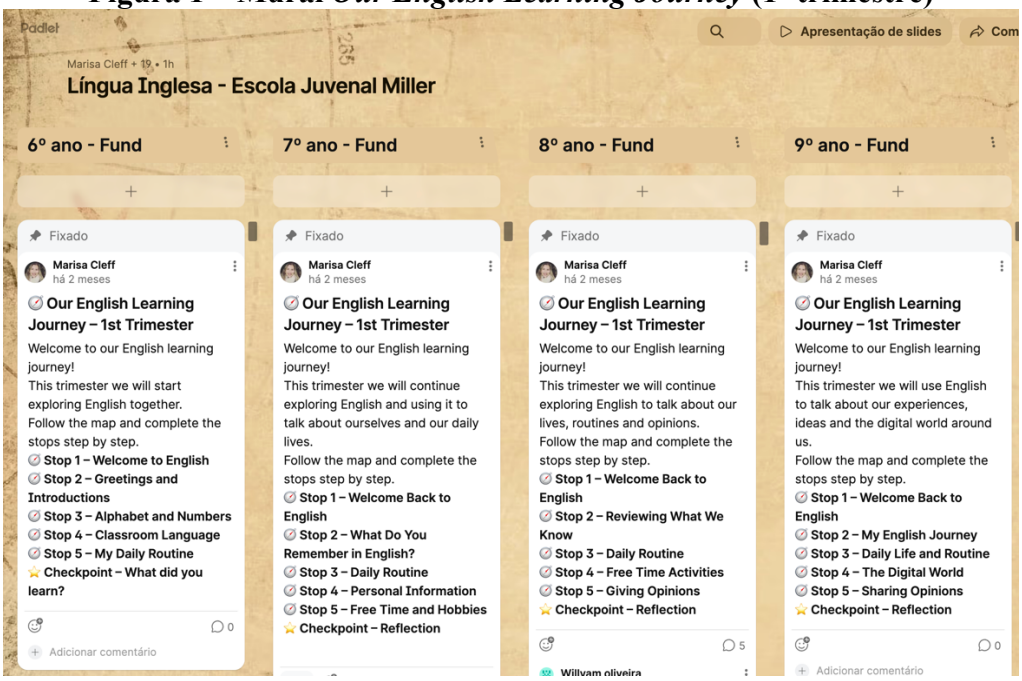
Para tornar concreta a articulação proposta, descreve-se aqui o desenho de uma sequência pedagógica concebida por uma das autoras para o ensino de língua inglesa na educação básica. A proposta, intitulada *Our English Learning Journey*, organiza-se na plataforma *Padlet* como uma jornada: cada turma percorre uma sucessão de paradas (*stops*), da apresentação pessoal à rotina, dos tempos livres às opiniões, encerrada por um *checkpoint* de reflexão metacognitiva. A metáfora da rota não é ornamental; ela materializa, no plano didático, a noção de Rotas e Redes *OnLife* (CLEFF, 2026): aprender inglês é percorrer um percurso em que cada parada é uma tomada de posição no dizer.

A escolha da plataforma é, ela própria, uma decisão enunciativa. Diferentemente de ambientes como Instagram ou *TikTok*, cuja distribuição de visibilidade é governada por sistemas de recomendação opacos, o *Padlet* apresenta interferência algorítmica menos acentuada: produções simples e elaboradas coexistem no mesmo mural, sem que um ranking automático hierarquize quem é visto. Configura-se, assim, um espaço de enunciação (GUIMARÃES, 2002) potencialmente mais horizontal, em que vozes que outras ecologias relegariam à margem podem ocupar o direito de dizer.

O desenho das atividades encarna a escuta alteritária (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020) como princípio, e não como retórica. Ao propor temas próximos da realidade dos estudantes, ao acolher a translinguagem e os recursos visuais em vez de penalizá-los, e ao priorizar o sentido e a autoria antes da correção formal, a mediação docente reconhece o estudante como produtor legítimo de sentidos. A correção não desaparece, mas deixa de ser o gesto inaugural: primeiro se valida a posição de quem diz; só então se trabalha a

forma. É a coerência ética entre o perfil profissional e o didático, só se ensina por se ser quem se é, convertida em arquitetura de atividade.

Figura 1 – Mural *Our English Learning Journey* (1º trimestre)



Fonte: elaboração da autora, Cleff (2026).

Sobre esse desenho, examinem-se dois enunciados ilustrativos, construídos para fins de exposição teórica, sem corresponder a qualquer produção particular de estudante, representativos de fenômenos recorrentes em práticas de inglês na educação básica.

Considera-se, primeiro, uma apresentação pessoal publicada sob um apelido autoral, do tipo: *my name is Night Fox, I am twelve, I am from the south, I like games and música, today I feel ok*. A escolha do apelido já é um gesto de autoria: o Locutor não se limita a preencher uma tarefa, mas constrói para si uma persona enunciativa. O locutor-x que aí se configura, aprendiz, jovem usuário de plataforma, falante de um lugar social específico, afirma sua existência no mundo por meio do inglês. E a inserção de *música* no fluxo do inglês não é falha a ser corrigida: é translinguagem, redivisão do dizer, a recusa de submeter a própria voz a uma norma monolíngue que a partilha normativa, e o corretor automático, imporiam. À luz da Semântica do Acontecimento, esse enunciado pode ser compreendido como a atualização de uma cena enunciativa específica, na qual o falante ocupa determinados lugares de dizer e, ao enunciar em língua inglesa, inscreve-se politicamente no espaço de enunciação.

Observa-se, em seguida, uma resposta à tarefa de descrever a rotina: *I wake up, I use my phone, I watch a novela with my mother, and I go to sleep*. O que seria exercício de vocabulário converte-se em narrativa de si: a vida do estudante, o celular, a novela vista em companhia, entra no espaço de enunciação e o reorganiza. A política de sentido algorítmica sugeriria substituir *novela* por *soap opera*, realocando a legitimidade para a norma; manter *novela* é, em termos enunciativos, redivisão, a afirmação de pertencimento ao dizer em inglês a partir de uma posição historicamente situada. Em ambos os casos, a língua inglesa deixa de ser objeto a ser dominado e se faz materialidade enunciativa de constituição de posições de dizer.

Discussão: entre o descentramento curricular e o recentramento algorítmico

Reunidos os fios, desenha-se a tensão que organiza este trabalho. No plano curricular, a BNCC (BRASIL, 2018) descentraliza o inglês: abandona o falante nativo como modelo e afirma uma língua plural, desterritorializada, cujo uso não pertence a nenhum centro autorizador. No plano das condições materiais em que esse ensino se realiza, porém, a política de sentido algorítmica recentraliza o que o currículo havia aberto: corretores, sistemas de reconhecimento de fala, modelos de linguagem e mecanismos de recomendação reinscrevem, silenciosamente, a norma hegemônica como medida do dizer legítimo. O documento abre; a infraestrutura técnica refecha. É nessa fenda entre o prescrito e o vivido que a produção de sentidos dos estudantes acontece.

A perspectiva enunciativa permite ler essa fenda não como obstáculo, mas como o próprio lugar do acontecimento. Porque o espaço de enunciação é constitutivamente político (GUIMARÃES, 2002), não há dizer fora da disputa entre a norma que divide e a afirmação que redivide. Os movimentos ilustrados, a translinguagem, a autoria pelo apelido, a narrativa de si que ressignifica a tarefa, são instâncias dessa redivisão: o estudante posicionado à margem pela norma nativa e por sua reinscrição algorítmica afirma, ainda assim, seu pertencimento ao dizer. Percorrer Rotas e Redes *OnLife* (CLEFF, 2026) é, nesse sentido, produzir sentidos e constituir-se enunciativamente.

Daí a centralidade da postura docente. Se a mediação algorítmica tende a corrigir antes de escutar, cabe ao professor o gesto inverso: a escuta alteritária (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020) como contraponto ético à divisão maquínica do dizer. Não se trata de recusar a tecnologia, mas de não delegar a ela a decisão sobre o que conta como inglês legítimo, preservando a agência pedagógica humana ali onde o algoritmo a dispensaria. É o que o desenho da jornada no *Padlet* procura encarnar: um espaço em que a autoria discente precede a correção.

Cabe explicitar o alcance e os limites do que aqui se afirma. Esta é uma reflexão teórica, ilustrada por enunciados construídos; não constitui análise de dados empíricos. A investigação de produções discursivas reais de estudantes, conduzida segundo os procedimentos de reescrituração e articulação da Semântica do Acontecimento e sob os necessários protocolos éticos, constitui a etapa subsequente desta pesquisa de doutorado, e dela se ocupará trabalho futuro.

Considerações finais

Procurou-se, neste artigo, explorar elementos para a construção de um quadro teórico-conceitual a partir do qual investigar a produção de sentidos no ensino de língua inglesa em ecologias digitais. A articulação proposta sustenta-se em movimentos articulados: a BNCC (BRASIL, 2018) institui o ponto de partida curricular e a tensão entre descentramento e recentramento; a condição *OnLife* (FLORIDI, 2015) descreve o ecossistema em que se enuncia; a Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2018) oferece a lente para analisar o sentido como acontecimento político; a noção de política de sentido algorítmica (NOBLE,2018) nomeia a camada que, no presente, redivide o espaço de enunciação; e a Educação Dialógica Alteritária (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020) responde a tudo isso com uma postura pedagógica coerente com a promoção do protagonismo discente.

O argumento sustentado é o de que as ecologias digitais não são suporte, mas espaços de enunciação, e que os estudantes, ao percorrê-los, não apenas reproduzem sentidos, mas os ressignificam, constituindo-se enunciativamente no próprio acontecimento do dizer. É essa dinâmica que a noção de Rotas e Redes *OnLife* (CLEFF,

2026) busca nomear. A língua inglesa, nesse quadro, deixa de ser objeto de ensino para tornar-se materialidade enunciativa de tomada de posição.

Trata-se de uma construção teórica que prepara, e exige, uma etapa analítica subsequente. A análise de um *corpus* de produções discursivas de estudantes, orientada pelos procedimentos de reescrituração e articulação próprios da Semântica do Acontecimento, constitui o desdobramento desta pesquisa, a ser desenvolvido em trabalho futuro. O que aqui se afirma, em caráter ainda teórico e exploratório, é que investigar o ensino de língua inglesa hoje exige um olhar que ultrapasse o funcional e o técnico e alcance a dimensão enunciativa, política e algorítmica da linguagem, condição para uma educação alteritária capaz de reconhecer, escutar e legitimar os estudantes como produtores de sentidos em ecologias digitais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CLEFF, Marisa. **Rotas e Redes OnLife: autonomia e autoria discente no ensino de língua inglesa em ecologias digitais**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO, 11., 2026, São Luís. *Anais* [...]. São Luís: EDUFMA, 2026. No prelo.

CLEFF, Marisa. **Da arquitetura à realidade: crenças na implementação de salas de aula virtuais de aprendizagem no ensino de inglês à luz da perspectiva OnLife**. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2024.

FLORIDI, Luciano (org.). ***The Onlife Manifesto*: being human in a hyperconnected era**. Cham: Springer, 2015.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica, enunciação e sentido**. Campinas: Pontes, 2018.

KOENECKE, Allison et al. **Racial disparities in automated speech recognition**. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 117, n. 14, p. 7684-7689, 2020.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of oppression: how search engines reinforce racism**. New York: New York University Press, 2018.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. **Por Uma Proposta de Educação Dialógica Alteritária**. Línguas & Letras, [S. l.], v. 21, n. 49, p. http://dx.doi.org/10.5935/1981–4755.20200001, 2020. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24675 Acesso em: 29 jun. 2026.